

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade do Lyceu Cuiabano

REDACTOR CHEFE: — Benjamin D. Monteiro

COLLABORADORES: — Diversos

Publicação quinzenal — Redacção: Rua Joaquim Murlinho 169

Preço de um numero: 300 réis,

Trimestre: 1\$500

N.º 21

Cuiabá, 15 de Maio de 1927.

ANNO II

"DATAS NACIONAES"

Trinta e nove annos são passados e ainda parecem soar nos nossos ouvidos as ovações ruidosas das multidões, que delirantes de alegria, aclamavam e bendiziam a "lei aurea", desde as regiões inhospitas do Oyapok até as verdejantes campinas do Sul.

Pois essa lei veio descortinar novos horisontes áquelles miseráveis filhos d'Africa; a qual, parecia já implorar misericórdia dos Céus, nestas mesmas supplicas com que Castro Alves não hesitou em interpretar as suas dores!

Basta, Senhor! De teu potente

braço
Role atravez dos astros e do
espaço

Perdão p'ra os crimes meus!

Ha dois mil annos eu soluço
um grito...

Escuta o brado meu! Não in-

finito,

Meu Deus! Senhor, meu Deus!!

E tu, Bandeira do Brasil, que nos fortalece de fé e de esperança, com que nós conduzimos nos dias de paz e de guerra, não poderias ser a mortalha da Liberdade, alvo do odio e maldição de uma raça escrava!

Foi assim que os teus filhos, queimando a matta iniqua da escravidão, forão lançando as boas sementes, até que um dia viram crescer e florir o arbusto benedicto da Liberdade.

E pode dizer-se que a data de 13 de Maio foi apenas escolhida para assignalar a victoria de uma causa, que desde ha muito vivia nos corações: de Eusébio de Queiroz, Visconde do Rio Branco, Barão de Cotegipe, de José do Patrocínio, de Joaquim Nabuco e muitos outros...

E o povo tambem, já não se conformava mais com esse estado de cousas; as consciencias já ouviam os gemidos que antes só

repercutiam no limite estreito de um carcere; os corações igualmente já se condoiam dos soffrimentos dos pobres filhos d'Africa.

Leis successivas foram quebrando os elos da corrente da escravidão.

Assim é que, a lei de 1850 extinguiu o trafico Africano; a de 1817 estabeleceu a liberdade das creanças que nascessem dessa data em diante; a de 28 de Setembro de 1885 declarou livres os escravos sexagenários e finalmente a maior dellas, a lei de 13 de Maio de 1888, que abriu as portas da Liberdade para cerca de quinhentos mil escravos que gemiam sob o peso da escravidão por quasi dous seculos.

E essa lei abençoada por toda humanidade, que fez sorrir corações que não sabiam chorar, que deu a independencia a um povo que só sabia obedecer, trouxe "como collarario a promulgação da Republica".

Brasileiros! dignifiquemos a nossa Republica! Levantemos o nosso civismo! Cultuemos as datas nacionaes!

Que espectaculos tristes não presenciamos por ahi agora?...

Commerciantes e operarios trabalhando em pleno dia feriado, revelando ao par do seu incivismo, a sua falta de cultura, a sua ignorancia.

E mais do que isso, é de admirar-se o mau exemplo que lançam a essa infancia que ora desabrocha, certos soldados indisciplinados, que, em attitude desrespeitosa, como temos visto, permanecem em logares publicos, sem fazer a devida continencia, indifferentes ao toque do Hymno Nacional.

Acostumemo-nos a amar e venerar o nosso Hymno, que é a Patria quando nos falla e a nossa Bandeira que ao desfaldar "palpita e resplandece como uma grande asa, sobre a definitiva patria, que queremos crear forte e

livre; pacifica, mas armada; modesta, mas digna; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de prudencia, de instrucção e de civismo, de disciplina e de cohesão, de exercito dextro e de marinha apparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho e a nossa justiça e a nossa paz!"

RUINAS

A' beira da estrada poeirenta, descortinam-se as ruínas da velha casa.

Os seus muros, roídos pelo descuido, cobrem-se de uma trepadeira-agreste, que se enroscas pelas vigas do varandim já desnudado.

O semi-tecto que lhe resta, serve de ninho a môchos agorrentos.

Os passarinhos, com o seu estridular melodioso, são os únicos que dão uma nota viva áquelle caramanchão de ruínas!...

No salão, não mais se ouvem os risos crystallinos das senhoras...

E o piano não mais accorda com as suas notas sonoras, aquella solidão!

Na fonte de pedra, as aguas que cantavam aos borbotões, ha muito já seccaram; só algumas flores parasitas, que não se importunaram com as invasoras sylvestres, e recordam os vestigios de um jardim.

Abandonada, aquella velha estancia parece chorar os tempos que já se foram!...

E aquellas paredes desbotadas pelas intemperies, se fallar soubessem, o que não nos contariam?!

Ah!... como carpiriam os tradicionais saráus, em que, engalnardas com os leques de burity, esperavam anciosas, os gentis convivas!

E as confidencias?... quantas, não puderam escutar, atravez ás jarras de samambaia e que o seu silencio argilico, impede-as de revelar-nos!...

E a cumieira do centro, que até hoje se conserva activa, erguendo os braços, como que implorando misericordia áquelles andrajos que a sustentam!...

Esse legendario cedro, como não prantearia, se lagrimas tivesse, os bellos tempos, em que garboso se ostentava com toda exuberancia dos seus galhos verdes?!

Fora lá, nos ermos daquelle floresta immensa, que elle nasceram... Lá, vira crescer toda a sua prole, que quando arbustos, vicejavam sorridentes, a margem do regato que serpenteava entre as suas raizes.

Ora, em violentas contorsões, lutava contra o vendaval, que pretendia desgarrar-o ao sólo; e ora, docemente se embalava á voz da briza, que balançava confiante, a sua fronde e a de seus irmãos.

Mais tarde, em seu busto athletico sentira o golpe frio do machado do serralheiro, cujas mãos habéis, escolheram no para a nova construção.

Depois fôra conduzido por uma junta de bois, á casa do carpinteiro: lá, despiram-no, esculpiram-no e a cumieira foi transplantada para a "casa nova", onde o senhor e toda gente da villa, fôra assistir ao seu levantamento.

Foi um acto solemne este. E houve festas e danças em seu louvor.

Depois... tudo mudou...

Essa gente toda que ella agasalhára, para onde foi?!

Essa gente, que hoje passa indifferente, não lhe comprehenderá o isolamento?...

Pobre cedro!... Tudo isto lamentarias, se tivesses o dom da palavra, ou si uma alma palpitasse em ti.

Hoje, ninguém se compadece do teu infortunio.

E tú, só tú, na tua muda afflicção, pareces sentir as saudades do teu passado extinto!...

DUNGA.

Desventura

Quem visse aquelle homem esfarrapado, tropego, com a cabeça já pintada pelos cabellos brancos, tendo na physionomia cançada, signaes evidentes de soffrimentos, não reconheceria

nelle, aquelle rapaz forte, que alguns annos antes partira em busca de fortuna.

Vivia elle com sua mãe numa casinha alva, cercada de trepadeiras em flôr e de arvores copadas em cujos ramos pousavam os passarinhos, que enchiam aquella solidão com as notas estridulas dos seus gorjeios.

Eram pobres, muito pobres mas felizes. Vivia um para o outro e assim os dias iam-se decorrendo calmos e sorridentes. Mas, uma vez poz-se elle a pensar em riquezas e teve então uma vontade intensa de ser rico, immensamente rico.

Sim, elle veio em busca de fortuna, em terras desconhecidas, e depois de adquiril-a, voltaria para buscar sua velha mãe que tanto idolatrava!

Então, sim, seriam felizes, muito felizes!

Agora, para elle já não tinham mais encantos a casinha humilde, o perfume das flôres sylvestres, o canto da passarada...

Tornou-se fixa essa sua ideia; faltava-lhe, porém, communicar a á sua mãe.

E elle fallou-lhe, expoz os seus planos de futuro sorridente, fez-lhe vêr o que seria para elles a vida cheia de commodidades, numa cidade civilizada e maravilhosamente linda!

Mas ella entristeceu-se: pois contentava-se com aquella vida placida.

Não eram tão felizes?!... Não tinha ella um filho dedicado, e elle, a mais extremosa das mães?!... Como queria elle abandonar a casinha que o vira nascer?!... E se o seu plano falhasse?!... Voltaria então, ainda mais pobre e não a encontraria mais, tão velhinha estava já.

Elle porem procurou dissuadi-la daquelles temores supersticiosos, pediu-lhe, implorou-lhe, e ella que o adorava, deixou-o partir, entre lagrimas de saudades, com um presentimento funesto de que nunca mais o tornaria a vêr...

Era isso que elle recordava, agora, allí, de volta á sua terra natal.

Como estava tudo tão differente?!...

A casinha tão querida, era agora um montão de ruínas, as flores lindas não mais espargiam os seus suaves aromas, nem os passarinhos cantavam nos arvoredos!...

E sua mãe? Não, mais vivia, morrerá para sempre! E elle em que estado voltava?!... Pobre; maltrapilho, faminto, exausto de padecimentos e sem ter agora ao seu lado sua mãe, tão boa, tão santa!...

Oh! como tinha sua mãe adivinhado?!...

Quanto soffrêra por esse mundo ingrato, em busca da fortuna que lhe fugia como um phantasma e que nunca ponde alcançal-a?!...

E o desventurado orphão deixou-se cair de joelhos, áquelle lugar, derramando lagrimas abundantes de arrependimento e de infinita saudade...

Anna Emilia.

O Brasil, paiz ainda moço e já bastante culto, tem, entretanto, a sua Historia eivada de duvidas, das quaes algumas são verdadeiros disparates que á primeira vista parecem partidos de espiritos alucinados pelo alcool ou cocaina.

Dura, porem, é a nossa decepção quando averiguamos que taes monstruosidades são subscritas e defendidas por homens illustrados que têm se insurgido iracundos contra os historiadores que buscam a verdade encoberta pelos cascalhos vomitados por pennas inconscientes ou mal infencionadas.

Mas sempre um chimerico triumpho, confirmado pelo veredicto apaixonado dos institutos e congressos historicos, enche de louros a fronte dos detractores da nossa Historia, dando-lhes aso para venderem á farta os seus Livrescos menis rosos muitas vezes adoptados obrigatoriamente nas escolas publicas.

Por isso vemos os alumnos primarios mastigando certas enormidades que lhes não quebram os dentes por serem sanduiches, porem, estas são a tal ponto indigestas que estragam o estomago das innocentes crianças, pobres irresponsaveis e infelizes victimas do vergonhoso e ávaro commercio de livrescos industriados á sombra das pequenas lacunas da nossa Historia.

Os alumnos primarios nada assimillam, decorando muitas paginas escriptas sem alisura, tão aconselhavel aos autores, cujas produções narcoticas deixam a intelligencia infantil embaraçada nas malhas da mais completa confusão.

Quasi sempre a primeira pagin-

na que a criança vai estudar é a que trata do descobrimento do Brasil, facto esse, como tantos outros da nossa historia, envolto pelo cilicio de toda sorte de complicações sophisticas e enervantes, creadas pela imaginação desoccupada de alguns brasileiros e até estrangeiros, todos historicistas famintos de honrarias e proventos pecuniarios.

Assim, a criança, que não tem desenvolvida, ainda, a faculdade de raciocinar, bebe sobre a sua primeira lição tantas ideias extravagantes, lançadas, por autores pouco escriptos, e, por fim, vem dizer-nos que o Brasil foi descoberto por accaso!!!

Ora, o distincto e eminente almirante Pedro Alvares Cabral poderia errar, mas, com o largo descripto de navegador do seu commandante e com o auxilio de bons cosmographos e de pilotos conhecedores do Atlantico, não cremos pudesse a frota del'Rei vagar sob as ordens do accaso...

Isso é um conto do vigario...

Dizer que um almirante illustre navegava inconscientemente e reduzi-lo a um João Niaguem, é depreciar-lhe o merito, é, enfim, menoscabar e cobrir de baldões a gloria inmarcescível da marinha portugueza...

«O accaso é o Deus dos imbecis.»

Digamos que Cabral trouxe instruções secretas, gritemos que o Brasil antes de 1500 já era de goberno conhecido, procuremos outros argumentos convincentes, mas, não ludibriemos as crianças com essa lenda do accaso, nem com a absurda hypothese da intervenção de correntes oceánicas; pois, o descobrimento do Brasil não apresenta traços de ter sido obra d'um sonho milagre do accaso... um fructo da ambição do homem ainda paço.

Não sabemos o que pensava Cabral quando dirigia a sua esquadra nas aguas do Atlantico, e se alguém o souber nos diga, porque isso calculamos ser a pedra angular do descobrimento da nossa Patria.

Assim, uma vez desconhecido, segundo estamos informados, esse pensamento de Cabral, não temos o direito de apregoar que tão celebre almirante português mareava sem saber o seu destino, sem seguir um determinado itinerario, sem ter certeza do que fazia...

O phantastico accaso, perdoem os mestres a nossa ousadia, deve ser varrido da historia brasileira e atirado para o rol das

heresias e das coisas e ideias ignobeis, porque não é mais do que uma futil creação de intelligencias que procuram fabricar livros e vende-los demolindo, impatrioticamente, a base da historia da nossa terra.

O descobrimento do Brasil já se realizou sob o sol de um seculo em que o homem percorria os mares sem nenhum temor dos presagios das lendas orientaes e á luz de conhecimentos hauridos em Sagres, por isso, não devemos dar credito aos alfarabios falsificados e cobertos pelos nevoeiros lendarios do accaso...

B. Cunha.

Parlendas

Abespinham-se os etnógenos ao penetrar o Continente Americano, onde se lhes antolham uns habitantes, cuja génese ha desafiado a sagacidade de quantos sabios. Do catalogo de duvidas de nossa historia, esta sobrepõe ás outras.

De feito; perguntam uns: como ousar negar a origem adventicia dos selvícolas americanos?

Interrogam outros: como negar se pode que são eles autoctones?

E as pesquisas de Nodailaz, Le Plangeon, Lund, Couto Magalhães, etc., não nos dão uma resolução cabal d'este problema.

Ora são eles metaneos do homem do velho mundo; ora anterior a este, ora vindos da Asia em tempos imemoriais; ora tipos evanescentes de velhas raças autoctones, de que fala Euclides; ora o insulado "homo americanus".

Alijam uns as tradições bíblicas para a explicação da génese dos incolos, socorrendo-se do poligenismo, enquanto que outros o fazem reciprocamente.

E assim volvem as hypothese divergentes, sem que nos dêem uma conclusão nítida e exata da origem de uma raça que se differença por

varios prismas por que se os examina.

A filologia descobre todavia, um liame que os une ao homem do mundo oriental, donde, fóra de duvida, procedem elles.

Borges.

"A defesa nacional"

E' neste momento em que a calma e a paz novamente reinam no solar da Patria, em que esta com o coração maguado vê filhos seus, a quem confiára os seus destinos e instituíra guarda de seus direitos, deixarem curvar-se perante um pavilhão estrangeiro a mesma sagrada bandeira que lhes fora entregue, é que se sente a necessidade da campanha patriótica movida ha dois lustros pelo inclito brasileiro Olavo Martins dos Guimarães Bilac.

Poeta exímio, escriptor, orador e jornalista, Bilac, no mesmo momento que o velho mundo se consumia em chamas; que os canhões, qual crateras, consumiam as cidades e os campos; que os fuzis e as metralhadoras junçavam a terra de cadáveres e feridos; aquelle grande brasileiro, em seus livros, em suas poesias, em seus discursos, incitava a mocidade que surgia e os velhos que já feneciam a se unirem, a se coligarem iniciando a campanha nobilitante a que de chamou "Defesa Nacional".

E' agora, após dois annos de lutas estereis, nas quaes irmãos contra irmãos, levantaram as armas que para sua defesa lhes confiára a Patria commum—que é necessaria a restauração da "A Defesa Nacional".

São findas, já, as lutas.

Innumeros foram os damnos dessa campanha. Mas, só nos é permittido, neste momento, a restauração, a re-

A CHRYSALLIDA

construção do que já tínhamos feito.

Mocidade, alertae! E' chegado o momento de acção!

E' chegado o momento de corroborarmos a obra encetada por Bilac.

Mocidade, alertae!

Pulcherio Filho.

"A Chrysallida Social"

O nosso anniversario

Em meio da mais justa alegria, realizou-se a empolgante manifestação, que os alumnos do Lyceu promoveram em a redacção d' "A Chrysallida" em a noite de 29 do mez p. p. pela passagem do seu primeiro anniversario.

Nessa occasião oraram: Pulcherio Filho, Annibal Molina, Bonifacio Cunha, Clodoaldo Bastos, Lindolpho Prado, Esequiel de Siqueira e Dr. Allyrio Figueiredo, tendo todos justificado a solemnidade e significação de que se revestia aquella homenagem não só por ter partido ella duma mocidade sadia, sincera e intelligente, como por celebrar-se o natalicio de uma folha, maxime em se tratando de um órgão da mocidade, que longe de render elogios a politiqueros, procura realizar o seu programma de sadio patriotismo e de elevada moral.

A todos, com palavras de reconhecimento, respondeu o nosso redactor chefe, Benjamin Duarte, dizendo que, se sua actualiação n' "A Chrysallida" mereceu elogios da mocidade patricia, é porque os seus actos recebiam os seus influxos benéficos e por ter a sua companhia animado-ra nos dias duvidosos da luta até esse dia em que, quaes afluentes abraçando um mesmo rio, solemnizavam reunidos num amplexo fraternal de cordialidade, um mesmo fim, um mesmo ideal — o natalicio do seu órgão "A Chrysallida".

A todos os lyceistas felicitamos, augurando que continuem a trabalhar denodadamente pelo seu jornal, bem servindo, assim, as nossas létras e a nossa Patria.

Padre Dr. Romualdo Lettieri

Sentimo-nos jubilosos ao registarmos a chegada do illustre professor p.^a dr. Romualdo Lettieri que ora volta da cidade de Paysandu, onde fora em visita a sua ex.^{ma} familia, tendo nos privado durante tres longos meses da sua amizade e companhia sinceras.

Quer como lente da cadeira de Educação Moral ou da de Philo-sophia, a qual rege actualmente, o illustre sacerdote soube se impor, pela sua real competencia, á admiração e estima de seus alumnos, alliando á alta capacidade pedagogica, o conhecimento profundo da materia que doutrina.

Aproveitando a sua viagem de recreio, o padre Romualdo, através de conferencias e artigos, fez uma intensa e valiosa propaganda da nossa Terra, estando como ouvimos-o dizer, o nome de "Matto Grosso" na bocca de todo uruguaio.

"A Chrysallida" orgulhosa por essa prova de amor á nossa Terra, que o virtuoso sacerdote mais uma vez teve a oportunidade de nos revelar, leva-lhe o seu apertado abraço de boas vindas, formulando votos a Deus pela sua felicidade pessoal e duradoura permanencia entre nós.

Dr. Cesario A. Corrêa

Transcorre, hoje, o natalicio do nosso illustre e dedicado professor de Historia Natural, Dr. Cesario Alves Corrêa, o qual, será, pelo seu vasto circulo de amigos, muito felicitado.

"A Chrysallida" aproveitando o ensejo para testemunhar a sua gratidão ao distincto professor, envia-lhe, prazenteramente, calorosas felicitações pela passagem feliz da sua data genethliaca.

Convido ao sextanista Bonifacio Cunha, a responder-me as seguintes perguntas:

Como se deve grafar: aza ou asa; terramoto ou terremoto; assucar ou açúcar.

Borges

Fallecimento

Foi recebida com a maior consternação, a infausta noticia do fallecimento do Sr. José Magno da Silva Pereira, occorrido á tarde de 12 do corrente.

O illustre morto dedicou a maior parte de sua vida á causa da instrução publica, sendo por muito tempo professor de Português do Lyceu Cuiabano.

A Directoria deste Estabelecimento de ensino, logo que teve sciencia do infausto passamento, baixou uma portaria suspendendo o expediente e mandando hastear a bandeira, em signal de luto, durante trez dias.

"A Chrysallida" envia aos parentes do saudoso professor os votos de pesar.

Sr. Redactor chefe da "A CRISALIDA"

Por um motivo inteiramente superior, deixei de responder pelo numero passado da "A Chrysallida" as questões dirigidas aos quartanistas.

Certo de que estou desculpado, envio agora a V. S.^a as minhas resoluções.

Por falta de tempo foi-me impossivel delinear sobre a primeira pergunta, prometendo, entretanto, responde-la no proximo numero.

2.^a

Apesar de muitos autores grafarem as expressões com apostrophos, o melhor modo adotado pelos melhores estilistas — é o sem apostrofo — isto é, pela ligação immediata ou aglutinante; por isso se deve escrever: neste, nisso, naquelle etc; por ex: "Nisto Phebo nas aguas encerrou o carro de cristal o claro dia." (Camões — Luziadas).

3.^a

A palavra secção se emprega quando traz idéa de corte ou divisão: Por ex: uma repartição se pode dividir em tantas SECÇÕES, conforme a necessidade do serviço.

SESSÃO, se emprega quando significa o tempo durante o qual uma assembléa, tribuna etc... está reunida.

CESSÃO, se emprega quando significa acção de ceder, termo forense.

SECESSÃO, se emprega quando significa acção de separar daqueles com os quaes se estava unido.

CESSAÇÃO, quando significa acção de cessar, interromper etc.

BENEDICTO C. SIQUEIRA.

Impresso na — TYP. CALHA'.